

FICHA TÉCNICA

Título original: *Minnet av en Smutsig Ängel*

Autor: *Henning Mankell*

Copyright © 2011 by Henning Mankell

Edição portuguesa publicada por acordo com Leopard Förlag, Stockholm, e Leonhardt & Høier
Literary Agency A/S, Copenhagen

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução do sueco: *Ulla Baginba*

Prefácio: *Mia Couto*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2015

Depósito legal n.º 391 878/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

PREFÁCIO

A Areia e a Neve	11
------------------------	----

PRÓLOGO

Hotel África, Beira, 2002	15
---------------------------------	----

PRIMEIRA PARTE

Os Missionários Desembarcam	19
-----------------------------------	----

SEGUNDA PARTE

A Lagoa da Boa Morte	91
----------------------------	----

TERCEIRA PARTE

A Ténia na Boca do Chimpanzé	167
------------------------------------	-----

QUARTA PARTE

O Comportamento da Borboleta perante Um Poder Superior	249
--	-----

EPÍLOGO

Hotel África, Beira, 1905	358
---------------------------------	-----

NOTA DO AUTOR	366
---------------------	-----

*Um prefácio escrito por ti, Mia,
é para mim o prefácio dos prefácios!*

HENNING MANKELL

PREFÁCIO

A areia e a neve

Nos olhos dos jovens atores moçambicanos cabia o mundo. À sua frente, um sueco ocupava não apenas o palco mas o centro do universo. Num português fluente, o escritor sueco podia ser igual a qualquer outro europeu naquelas circunstâncias: entre o paternalista e intrusivo, entre o condescendente e perfeccionista. Mas ele era diferente. E naquele momento o escritor sueco não estava apenas no palco: ele era o teatro todo inteiro e encenava a dramaturgia de todos nós. Nesse inesperado palco, os jovens atores a si mesmo se espelhavam, com surpresa, mas sem fronteira. Aquele que ali parecia exprimir em português, e num bom português. Naquele momento, porém, ele falava num idioma que estava ainda por fazer. Henning Mankell traduzia em palavras o idioma dos sonhos.

— *Tragam o que eles sonham!*

Preparávamos uma peça sobre os meninos de rua de Maputo. Havia uma espécie de uma teimosia que unia aqueles atores moçambicanos: por mais consagrado que fosse o escritor sueco, ele estaria distante da intimidade das nossas crianças sem casa e sem família.

O que se acontecia naquele espaço de encantamento, perante o olhar encantado dos atores, dizia uma outra coisa: o sueco, chamado Henning Mankell, estava tão distante dos personagens como qualquer um dos atores moçambicanos, jovens e negros. Pouco importava a sua nacionalidade, a sua raça, a sua crença. Perante os sonhos dos outros, todos carecíamos de uma mesma necessidade de tradução. O que queríamos dizer não tinha uma geografia: era um lugar e um tempo por inventar.

Tive o privilégio de trabalhar durante anos com Henning Mankell. Escrevo «trabalhar», mas o verbo deve ser um outro. Juntos escrevemos textos para teatro em Moçambique. Fizemos ambos parte do mais consagrado grupo cénico de Maputo, o Mutumbela Gogo. Quando foi estreada a peça *Os Meninos de Ninguém* surpreendeu-nos essa outra voz que vinha da voz dos atores. Não eram apenas os meninos de rua que falavam. Era uma infância que se tinha perdido dentro de nós. O que Mankell tinha feito era o labor de mineiro que todo o escritor, mesmo sem saber, executa: garimpear nas profundezas da nossa alma.

É isso que ele faz com os seus livros: a pretexto de contar histórias, Henning Mankell conduz-nos pelo labirinto da nossa condição humana. Os seus personagens deambulam num mundo cheio de longínquas sombras e inacessíveis promessas. Um pé em Moçambique, outro na Suécia, um pé na neve, outro na areia. É esta viagem que sucede neste *Anjo Impuro* quando um moçambicano escava na parede das ruínas do Hotel África e encontra um livro. Esse hotel, essa parede e esse livro não são senão metáforas que conduzem o leitor a uma infinita deambulação que tem sido, afinal, a própria vida de Mankell.

O escritor sueco foi, entre os moçambicanos, deixando de ser apenas um «escritor» e um «sueco». O seu nome invoca hoje o quanto uma pessoa pode existir nas outras pessoas, desdobrando-se em vários outros. Todos esses outros se juntam num mesmo nome, numa mesma vida empenhada em lutar pela dignidade, pela honra e pela justiça dos que vivem à margem da Vida.

— *Vão para a rua e tragam os sonhos desses meninos.*

E os atores saíam do teatro para a Vida, afastavam-se de si mesmos para se reencontrarem, mais adiante, no comum território da infância. O que os jovens moçambicanos aprendiam das artes cénicas não era exatamente uma técnica, mas um modo de ser nos outros. O ator, como o escritor, não fala de um Outro. Ele é um Outro. O objeto da sua arte é a viagem entre pessoas que, desse modo, se tornam encantadas. Essa viagem foi a aposta de toda a vida de Henning Mankell. Foi isso que ele praticou na sua vivência africana. E é desta transumância de almas que se fala, de forma exemplar, neste *Anjo Impuro*.

«A primeira vez que pisei o solo africano foi como se regressasse a casa». Assim escreveu Henning. Essa infância que África lhe devolvia, ele a partilhou connosco numa superação incessante da solução de um crime silencioso praticado contra todos nós: o de nos roubarem o encantamento de viver todos os dias as infinitas vidas que nos cabem.

MIA COUTO

Maputo, 11 de março de 2015

PRÓLOGO

Hotel África, Beira, 2002

Um dia, no frio mês de julho de 2002, um homem chamado José Paulo abriu um buraco no soalho apodrecido. Não procurava uma saída nem um esconderijo; queria apenas aproveitar a madeira partida para lenha, uma vez que aquele frio de inverno africano era o mais severo desde há muitos anos.

José Paulo era solteiro, mas assumira a responsabilidade pela irmã e os seus cinco filhos depois de o cunhado, Emílio, desaparecer um dia, deixando para trás apenas um par de sapatos rotos e uma pilha de contas por pagar. O credor de quase todas as dívidas era a D. Samima, que tinha uma tasca ilegal perto do cais, onde servia *tontonto* e cerveja caseira com um teor alcoólico altíssimo.

Emílio passava a vida a beber e a falar dos tempos que já lá vão, de quando trabalhava nas minas de ouro sul-africanas. No entanto, muitos diziam que ele nunca pusera os pés na África do Sul, e trabalho certo, então, era coisa que não se lhe conhecia.

O seu desaparecimento não era por isso algo que se esperasse ou que deixasse de se esperar. Partira simplesmente pela calada, nas silenciosas horas que antecedem a alvorada, quando todos dormiam.

Ninguém sabia do seu paradeiro. Também ninguém sentiria muito a sua falta, nem sequer a própria família. É pouco provável que a D. Samima tenha sentido falta dele, mas não deixou de exigir que as suas contas fossem pagas.

Emílio, fala-barato e bêbedo, passava quase despercebido mesmo quando andava por ali, e a sua ausência agora não fazia, na verdade, muita diferença.

José Paulo vivia com a irmã e a família no Hotel África, na Beira. Em tempos, que agora pareciam muito distantes e também incompreensíveis, foi tido como um dos hotéis mais magníficos de toda a África colonial. Comparava-se ao Victoria Falls na fronteira entre a Rodésia do Norte e a Rodésia do Sul, antes de esses países se tornarem independentes e adotarem os nomes de Zimbabué e Zâmbia.

Os brancos vinham de muito longe até ao Hotel África para casar, celebrar aniversários ou mostrar que pertenciam a uma aristocracia que nem imaginava que o seu paraíso colonial um dia deixaria de existir. O hotel organizava matinés dançantes aos domingos, concursos de *swing* e de tango, e muitos dos participantes faziam-se fotografar à frente da imponente entrada.

Mas o sonho do paraíso colonial tinha os seus dias fatalmente contados, e chegou então a altura de os portugueses abandonarem os seus últimos baluartes. Assim que os antigos donos se foram embora, o Hotel África entrou em decadência. As suítes e os quartos abandonados começaram a ser ocupados por africanos pobres, que guardavam os seus escassos pertences em carcaças do que antes foram pianos verticais e magníficos *Steinway*, em toucadores e banheiras encardidas. Os bonitos pavimentos de madeira foram arrancados para servir de lenha nos dias mais frios do inverno.

E acabaram por viver milhares de pessoas no que antes fora o Hotel África.

Portanto, naquele dia, José Paulo abriu um buraco no soalho e arrancou algumas tábuas. Estava um frio de rachar no quarto; a única fonte de calor provinha de um fogareiro de ferro em cuja brasa viva cozinhavam a comida. Um tubo de chaminé montado numa janela de vidros partidos levava o fumo para o exterior.

O chão meio apodrecido começava a cheirar mal dado o seu terrível estado de deterioração. José Paulo suspeitou que o fedor viesse de um rato morto ali por baixo, mas a única coisa que encontrou foi um pequeno livro, um bloco-notas encadernado em pele de vitela.

Soletrou as letras de um nome estranho gravado na capa preta.
Hanna Lundmark.

Por baixo do nome estava anotado o ano: 1905.

No entanto, não soube interpretar o conteúdo do caderno; estava escrito numa língua que ele desconhecia. Recorreu ao velho Afanastásio, que vivia no quarto 212, ao fundo do corredor. Afanastásio era considerado um sábio por todos os que habitavam aquele hotel apinhado, pois sobrevivera, na sua juventude, a um encontro com dois leões numa estrada deserta perto de Chimoio.

Contudo, nem Afanastásio conseguiu decifrar o texto. Pediu então ajuda à velha Lucinda, que vivia na antiga recepção, mas ela também não soube dizer de que língua se tratava.

Afanastásio achou melhor José Paulo deitar fora o livro.

— Ficou muito tempo debaixo do chão — disse-lhe. — Alguém o escondeu ali num tempo em que pessoas como nós só podiam estar neste prédio como criados, empregados de limpeza ou pacotes. De certeza que esse livro escondido tem algo desagradável para contar. Queima-o, usa-o como acendalha numa noite de muito frio.

José Paulo levou o livro de volta para o quarto. No entanto, não o queimou, sem saber bem por que razão. Em vez disso, guardou-o noutra esconderijo — havia um buraco no parapeito da janela, onde ele costumava guardar o raro dinheiro que conseguia ganhar. Agora, as escassas notas sujas podiam partilhar aquele esconderijo com o bloco-notas.

Nunca mais tirou o livro de lá, mas também nunca se esqueceu de que o tinha ali.

PRIMEIRA PARTE

Os Missionários Desembarcam

Corre o ano de 1904. Junho. Uma alvorada tropical de calor sufocante.

Naquele longínquo instante, um barco a vapor de bandeira sueca repousa tranquilamente entre as ondas suaves. Há trinta e um tripulantes a bordo, entre eles uma mulher. Chama-se Hanna Lundmark, de solteira Renström, e é a cozinheira do navio.

De início, porém, contavam-se em trinta e dois os tripulantes que empreendiam aquela viagem até à Austrália, levando uma carga de madeira sueca, em cerne e cortada, destinada ao pavimento de salões e salas de estar dos criadores de ovelhas endinheirados.

Um dos tripulantes morreu há pouco — o imediato, que era casado com Hanna.

Um jovem que adorava a vida. Apesar da advertência do capitão Svartman, um dia saíra do barco quando estavam a carregar carvão num dos portos do deserto a sul do Suez. Apanhou alguma das febres fatais que deflagram nas costas africanas.

Quando percebeu que ia morrer, começou a gritar de pavor.

Nenhum dos dois homens que o acompanhavam no seu leito de morte, o capitão Svartman e o carpinteiro Halvorsen, o ouviu pronunciar qualquer palavra quando chegou a sua hora. Tão-pouco uma palavra sequer dirigiu a Hanna, que se tornava assim viúva apenas uns poucos meses depois do casamento. Foi-se entre gritos e, por fim, no último momento, entre gemidos angustiantes.

Chamava-se Lars Johan Jakob Antonius Lundmark. Hanna ainda chora a sua morte; na altura, esse triste acontecimento quase lhe toldou o juízo.

Rompe agora o dia a seguir ao falecimento. O barco não se move; estão fundeados por causa do funeral que vai ter lugar dentro em pouco. O capitão Svartman não quer esperar mais; não há gelo com que conservar o cadáver.

Hanna está na popa com um balde de lixo na mão. É uma mulher não muito alta, de peito forte e olhos simpáticos. Tem o cabelo castanho apanhado num coque firme junto à nuca.

Não é bonita. No entanto, irradia dela, de uma forma estranha, a sensação de se tratar de uma pessoa absolutamente íntegra.

Naquele longínquo instante. Está ali. No mar, a bordo de um barco a vapor com chaminé dupla. Carga de madeira, a caminho da Austrália. Porto de origem: Sundsvall.

O nome do barco é *Lovisa*. Foi construído no estaleiro de Finnboda em Estocolmo, mas sempre se abrigou no porto da costa norte da Suécia.

Primeiro pertenceu a um armador de Gävle, que acabou por falir depois de especulações malsucedidas. Em seguida foi comprado por uma empresa de Sundsvall. Em Gävle batizaram-no *Matilda*, em honra da mulher do armador que tocava Chopin com dedos desajeitados. Agora chama-se *Lovisa*, nome da filha mais nova do dono atual.

Um dos coproprietários chama-se Forsman. Foi ele quem tratou de empregar Hanna Lundmark no barco. Apesar de também haver um piano em casa de Forsman, nunca ninguém toca. Por outro lado, quando o afinador vem fazer os ajustes regulares, Forsman faz questão de ficar a ouvir.

E, agora, o imediato Lars Johan Jakob Antonius Lundmark morreu com uma febre galopante.

É como se a ondulação estivesse paralisada. O barco não se move, como se suspendesse a respiração.

É assim que imagino a morte, diz Hanna Lundmark para si própria. *Uma calma súbita, inesperada, vinda de parte nenhuma. A morte é como o vento que nos leva de repente para o abrigo.*

O abrigo da morte. E, depois, nada mais.

Naquele preciso momento, uma memória vinda de parte incerta sobrevém a Hanna.

Recorda-se do pai, da sua voz, que no fim da vida mais parecia um sussurro. Parecia que lhe pedia que guardasse as suas palavras como se de um segredo valioso se tratasse.

«Um anjo impuro. É isso mesmo que tu és.»

Estas foram as suas últimas palavras na hora da morte. Era como se quisesse entregar-lhe uma dádiva apesar de, ou talvez por isso mesmo, quase não ter bens nenhuns.

«Hanna Renström, minha querida filha, és um anjo. Um anjo impuro, mas mesmo assim um anjo.»

Mas será essa a memória verdadeira? Quais foram as palavras exatas? Teria dito «pobre» ou «impuro»? Teria deixado a escolha nas suas mãos, para que fosse ela a decidir? Agora, ao recordar-se do momento da morte do pai, está certa de que ele lhe chamou «um anjo impuro».

É uma memória dos tempos idos, difusa. Hanna está muito longe do pai e da morte dele. Dali e daí por diante, numa casa solitária à beira da turva e fria água do rio Ljungan, no interior do Norte silencioso. Ali onde o pai terminou a vida, torcido de dor no sofá da cozinha mal aquecida.

Morreu rodeado de frio, pensa. Estava um frio gélido naquele mês de janeiro de 1899 quando ele deixou de respirar.

Já passaram mais de cinco anos, é agora o mês de junho de 1904.

A memória do pai e das suas palavras sobre o anjo desaparece tão depressa como chegou. Leva-lhe apenas alguns instantes a regressar do passado.

Ela sabe que as viagens mais notáveis ocorrem sempre no interior de uma pessoa, onde não existe nem tempo nem espaço.

Talvez a recordação servisse para a ajudar? Para lhe atirar uma corda com que possa trepar o muro de tristeza paralisante?

Contudo, não pode fugir. O barco está transformado numa fortaleza inexpugnável.

Não há saída. O seu marido morreu mesmo.

A morte tem garras afiadas. Recusam-se a soltar a presa.

A pressão nas caldeiras foi reduzida. Os cilindros estão imobilizados, a máquina descansa. Hanna está na amurada com o balde na mão; vai deitar o lixo fora pela popa. O jovem ajudante de cozinha quis tirar-lhe o balde quando ela saiu da cozinha, mas ela agarrou-se à pega e não a soltou. Mesmo que neste dia vá ver o cadáver do marido ser lançado no mar, envolto numa lona branca, não quer falhar os seus deveres.

Quando desvia o olhar do balde cheio de cascas de ovo, sente o calor bater-lhe na cara. Algures na neblina, a estibordo, está África. Apesar de não ver o mínimo vestígio de terra, Hanna acha que consegue sentir o cheiro.

Aquele que há pouco morreu contou-lhe. Falou-lhe do cheiro húmido, quase corrosivo, a putrefação que há em todos os países dos trópicos.

Aquele que fizera já viagens por toda a parte, para vários destinos. Foi aprendendo, mas o mais importante — como sobreviver — não aprendeu.

Não completaria esta viagem; morreu aos 24 anos de idade.

É como se ele a quisesse avisar de algo, pensa Hanna. Mas ela não sabe de quê. E agora está morto.

Um morto fica sempre a dever respostas.

Alguém aparece silenciosamente ao seu lado. É o amigo mais chegado do marido, o carpinteiro norueguês Halvorsen. Ela desconhece o seu primeiro nome, apesar de trabalharem juntos neste barco há mais de dois meses. Será sempre Halvorsen, um homem sério. Dizem que se ajoelha no chão em louvor a Deus

sempre que regressa a Brönnöysund, depois de uns anos no mar, para voltar a embarcar mal a fé o abandone.

Tem umas mãos grandes, mas o rosto é brando, quase feminino. A barba rala e clara parece ter sido pintada diretamente na pele por algum brincalhão que lhe deseja mal.

— Estou em crer que tens perguntas para me fazer — diz. Fala com uma entoação rítmica, musical.

— A profundidade — confessa Hanna. — A que profundidade no mar ficará o Lundmark sepultado?

Hesitante, Halvorsen abana a cabeça, e Hanna pensa subitamente que ele parece um pássaro nervoso a tentar levantar voo.

Halvorsen vai-se embora, mas ela sabe que voltará com a resposta que ela procura.

Que profundidade vai ter a sepultura? Haverá um fundo no qual vai descansar o corpo do seu marido, enrolado na lona? Ou não há um fundo sequer, nada senão as profundezas até ao infinito?

Hanna esvazia o balde com as cascas dos ovos e vê como as aves brancas voam a pique, até à superfície da água, para apanhar o lixo. Limpa o suor da testa com o pano que tem atado ao avental.

Chega então o inevitável: um grito desesperado sai da sua garganta.

Algumas das aves, pairando lá no alto à espera de mais um balde de lixo, depressa batem as asas a fugir daquele gemido lastimoso, que as atinge como se fosse granizo.

Lars, o jovem ajudante, espreita assustado pela porta da cozinha. Segura um ovo partido na mão e olha-a discretamente. A morte incomoda-o.

Hanna percebe, evidentemente, o que ele pensa. Que ela vai saltar, que vai deixá-los porque não suporta mais a dor.

Outros tripulantes também ouviram o grito. Dois marujos de tronco nu e suados aparecem junto à cozinha e põem-se a olhar por trás de uma das grandes bobinas de corda, que faz lembrar uma serpente gigante enrolada.

Hanna apenas abana a cabeça, cerra os dentes e volta para a cozinha com o balde vazio. Não, não vai saltar borda fora. Durante toda a vida sempre resistiu, e não vai desistir agora.

O calor da cozinha avassala-a. Estar em frente ao fogão é como viver na casa das máquinas lá em baixo, com o fogo. Ela sabe-o apesar de nunca ali ter estado; uma mulher na proximidade das caldeiras ou de um farol é de mau agouro.

Para os marinheiros mais velhos, ter mulheres a bordo é uma abjeção. Dão azar, mas também originam brigas e ciúmes entre os homens. No entanto, quando o armador Forsman quis empregar Hanna, o capitão Svartman não se opôs, pois não dava muito ouvido às superstições.

Hanna pega num ovo, parte-o na frigideira e deita a casca no balde. Trinta marinheiros vivos estão à espera do pequeno-almoço. Ela tenta concentrar-se apenas nos ovos, não quer pensar no funeral que a espera. Está ali no barco como cozinheira, esse facto não se alterou com a morte do marido.

As coisas são como são. Ela está viva, mas Lundmark morreu.

Pouco depois, Halvorsen volta e pede-lhe para o acompanhar. O capitão Svartman está à espera.

— Vamos sondar o fundo — explica Halvorsen. — Se os nossos cabos e as cordas não o alcançarem, o capitão escolherá outro lugar.

Ela acaba de estrelar os quatro ovos que estão na frigideira antes de o acompanhar. Cambaleia, tomada por uma vertigem súbita, mas não cai, não se vai abaixo.

O capitão Svartman vem de uma família com uma longa e ininterrupta tradição de mar, isso ela sabe. Tem já sessenta anos, é um homem velho. Falta-lhe a ponta do dedo mindinho da mão esquerda, mas ninguém sabe se é congénito ou se resultou de um acidente.

Por duas vezes naufragou num barco à vela. Numa das ocasiões foi salvo junto com a tripulação; na outra, apenas se salvaram ele e o cão do barco, que, depois de ser posto em terra, se deitou no chão e morreu.

Uma vez, o marido de Hanna disse que o capitão Svartman talvez tivesse morrido um pouco também, junto com o cão. A seguir àquela catástrofe, o capitão ficou em terra durante largos anos. Ninguém sabe muito bem o que ele fez então. Dizia-se que durante um período se empregara nos caminhos de ferro, onde teria trabalhado no grupo destacado pela companhia ferroviária estatal para marcar o traçado da controversa linha chamada Inlandsbana — que liga o Norte ao Sul pelo interior, em vez de pela linha costeira já existente; o Parlamento sueco ainda hoje a discute.

Contudo, inesperadamente, Svartman regressara ao mar, como comandante de um barco a vapor. Era uma daquelas raras pessoas que não abandonara a vida de marinheiro com o desaparecimento dos barcos à vela, mas que optara por se adaptar aos tempos modernos.

Porém, nunca confidenciou a ninguém como foi a sua vida durante aqueles anos em que deixou o mar: o que fez, o que pensou, nem sequer onde viveu.

Raramente fala para além do mínimo essencial; tanto mais duvida da capacidade das pessoas em escutar os outros quanto mais está seguro da fiabilidade do mar. No seu camarote há vasos com flores cor de alfazema, que só ele pode regar.

Por outras palavras, é um capitão taciturno. E agora vai estabelecer quão fundo no mar irá um dos seus tripulantes ser sepultado.

O capitão Svartman cumprimenta Hanna com uma inclinação de cabeça quando ela se aproxima. Apesar do calor, está completamente fardado. Botões apertados, a camisa bem engomada.

Ao seu lado está o mestre do navio, Peltonen, um finlandês. Este segura uma peça de chumbo na mão, atada a um fio comprido e fino.

O capitão Svartman dá o sinal, Peltonen deita a sonda pela amurada e deixa-a descer. O fio corre entre os seus dedos. Todos observam em silêncio. Uma fita preta está fixa ao fio num certo ponto.

— Cem metros — constata Peltonen.

Tem uma voz sonante. O eco das palavras propaga-se por cima das ondas.

Depois de sete fitas pretas, a setecentos metros, o fio acaba. O chumbo continua mergulhado na água, ainda não chegou ao fundo. Com um nó, Peltonen junta o fio a um outro rolo, que também tem fitas pretas atadas a cada cem metros.

Aos mil novecentos e trinta e cinco metros, o fio afrouxa. A sonda atingiu o fundo. Hanna sabe agora a medida certa do túmulo do seu marido.

Peltonen começa a içar o fio ao mesmo tempo que o enrola numa peça especial de madeira. O capitão Svartman tira o boné e limpa o suor da testa. Consulta o relógio. Um quarto para as sete.

— Às nove horas — diz para Hanna. — Antes que o calor fique insuportável.

Ela volta para o camarote que partilhava com o marido. A cama de cima era a dele. Dormiam quase sempre juntos na de baixo. Sem ela dar por isso, alguém tirou os lençóis da cama de cima.

O colchão está sem resguardo. Ela senta-se na borda da cama de baixo e olha para a parede em frente naquele camarote pequeno. Sabe que tem de fazer um esforço para se concentrar e pensar.

Como chegou ela aqui? A este barco, que agora balança tranquilamente num mar estranho. Afinal de contas, ela nasceu num lugar o mais longe do mar quanto se possa imaginar. Havia um bote a remos no rio Ljungan, e nada mais. Nele, por vezes acompanhava o pai quando este ia à pesca. Mas quando disse ao pai que queria aprender a nadar — tinha ela sete ou oito anos —, ele disse-lhe que não o permitia. Seria uma perda de tempo. Se ela quisesse banhar-se, poderia fazê-lo num banco de areia junto ao rio. Querendo passar para a outra margem, bastaria ir no bote ou atravessar a ponte.

Hanna deita-se na cama e fecha os olhos. Quer chegar ao mais recôndito da sua memória, ao lugar da infância onde as sombras são cada vez mais profundas.

Talvez consiga encontrar ali abrigo até o momento chegar, quando o seu marido morto desaparecer no mar para sempre.

Quando a deixar. Para sempre.